

LEMLE, Miriam. *Guia teórico do alfabetizador*. São Paulo, Ática, 1987, 72 p.

Miriam Lemle, professora de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, depois de nos brindar com a publicação da obra *Análise sintática-teoria geral e descrição do português*, retorna ao nosso convívio, desta vez, com o volume intitulado *Guia teórico do alfabetizador*, na série "Princípios" da editora "Ática".

Para quem acompanha a trajetória de produção de Miriam Lemle o que ela escreve tem sempre um endereço certo — o professor e os fatos de língua.

Agora, é a vez do professor das classes de alfabetização que, de todos, segundo a Autora, "enfrenta logo de saída os maiores problemas lingüísticos, e todos de uma vez", no processo da alfabetização. "Afinal, o momento de alfabetização é o primeiro momento da vida em que precisamos falar de língua, de suas unidades, de seus mecanismos, de sua representação".

"Para minorar o fracasso de nossa alfabetização, é necessário sanar a formação falha dos responsáveis diretos pela alfabetização — as professoras".

E é exatamente isso que o leitor encontra em *Guia teórico do alfabetizador*, ao percorrer o caminho da alfabetização impregnado das complicadas relações entre sons e letras. Como sistematizar, através de etapas, essas complicadas relações para que o "pobre alfabetizando", conheça, finalmente, "a verdade, menos límpida do que parecia inicialmente, do casamento um pouco defeituoso entre sons e letras", é o que nos propõe Miriam Lemle.

Assim, entre outras coisas, lembra Lemle, "o alfabetizador deve saber que as partes do sistema da convenção ortográfica que têm relação arbitrária com os sons da fala variam, de dialeto a dialeto", de tal forma que, no Rio de Janeiro, ninguém acha "feio", por exemplo, a pronúncia de "sal" com (u) ou de "feira" ou "beija" sem o (i).

Miriam Lemle conclui que "em universos culturais complexos como o nosso, há um afastamento necessário e inevitável entre a língua escrita e as línguas faladas".

Por isso, "parece que o melhor é deixar as coisas mais ou menos como estão". No que diz respeito "ao mais", "a meta consiste em facultar a todos o uso passivo e ativo da língua escrita". Quanto "ao menos", a meta é a de que antes de chegar à língua escrita padrão a escola deve aceitar a expressão lingüística do aluno que usa a língua nativa de sua comunidade".

Mas, neste sentido, é preciso que os professores repensem suas atitudes, "alterando os seus critérios de avaliação e auto-avaliação". E liberem a sua criatividade.

Profª Drª LÉLIA ERBOLATO MELO
Departamento de Linguística
Universidade de São Paulo

SCLIAR, Moacyr. O olho enigmático

No conto que abre e nomeia o livro *O olho enigmático*, Moacyr Scliar conta a história de um milionário que rouba um quadro até então inédito e fascinante de Rafael Sanzio. De posse do objeto, o homem o contempla de modo tão intenso e obsessivo, que acaba por apagar as cores da pintura, reduzindo a imagem humana ali representada ao branco da tela original.

O texto é exemplar da técnica narrativa do contista, técnica que vem aperfeiçoando deste os primeiros livros publicados, como o ainda não suficientemente divulgado, mas sempre bom *O carnaval dos animas*: o ponto de partida é uma situação insólita, quando não é completamente fantástica; o narrador evita julgar os fatos ou classificá-los como incomuns ou extraordinários, refugiando-se num distanciamento aparentemente objetivo e deixando ao leitor a tarefa de decidir se os acontecimentos narrados podem ter ocorrido ou não; as personagens são anônimas, definidas tão-somente por traços gerais: nesse conto, o protagonista é indicado apenas como "o homem" ou "ele". E a ação é seguidamente agressiva e destruidora — enfim, predatória.

Nesse primeiro conto, a figura desenhada se apaga por força da observação fixa do homem, sendo que, entre ambos, dá-se uma luta de olhares, o do retrato que intriga seu dono e o desse último que acaba por derrotar o adversário. Em outros textos a mesma situação se renova: o aluno deseja aniquilar a professora de música através da incansável insubordinação; o milionário manda prender o jovem que se fazia passar por um sobrinho desaparecido, quando esse revela seu afeto familiar, e assim por diante. A essas situações de conflito entre seres humanos unidos por algum tipo de laço afetivo, somam-se personagens que se alimentam da própria crueldade exercida contra o outro: é o que mostra o conto "Queimando anjos". Ao final, desenha-se o quadro do Holocausto, antecipado na segunda história da coletânea e narrado pelo menino de 11 anos, mas presente em cada momento do livro.

Ao abolir a individualidade das personagens a partir da circunstância de que se recusa a nomeá-las, usando apenas substantivos comuns, como a mulher, o menino, o homem, meu pai, etc., para identificar os atores de suas narrativas, e ao apresentar, por intermédio de cada relato particular, a história mais genérica da destruição do homem pelo homem, Moacyr Scliar tende a converter seus contos em parábolas. Alguns deles até empregam a fórmula narrativa desse gênero, como em "Entre os sábios"; outros assemelham-se a fábulas, como "Cinco anarquistas" e "Pequena história do capitalismo". Todavia, jamais o conteúdo desses textos é edificante, como se poderia esperar devido ao modelo literário empregado; pelo contrário, eles são reveladores da violência contida nos atos humanos, acercando-se a um comportamento irracional de difícil compreensão mesmo para uma pessoa politicamente esclarecida, como ocorre ao narrador do já citado "Pequena história do capitalismo".

Moacyr Scliar foi, nos anos 70, um dos principais responsáveis pela transformação do conto brasileiro que, naquela década, experimentou um surto até então desconhecido de criatividade e inovação. Hoje a produção de contos não é tão intensa, nem o gênero atrai tanto os leitores e escritores, sejam esses estreantes ou veteranos. Mas Scliar mostra que o gênero precisa de mestres para permanecer vivo e apresentar obras de qualidade; *O olho enigmático*, da sua parte, revela que Scliar é cada vez mais um desses mestres de que nossa literatura de ficção carece.

Regina Zilberman

SOLEDADE, Marylene. Rainha Carmela e seus ancestrais.

Rainha Carmela e seus ancestrais, o livro de literatura infantil de Marylene Soledade, escritora de Salvador, Bahia é uma bela história do ecossistema para crianças de todas as idades.

Cláudia Lemos fez uma crítica interessante sobre a autora e o livro: "Marylene Soledade" é uma escritora voltada para a infância. Seus textos fluem em narrativas simples que atingem a sensibilidade, não só pelo desenrolar do conto, mas, grandemente, pela espontaneidade do fraseado. Suas histórias excitam a fantasia e despertam o interesse da criança.

Na esteira da moderna orientação pedagógica, *Rainha Carmela e seus ancestrais* direciona-se ao lazer. Conta uma história de formigas, segundo a técnica de "história dentro da História", e tem toda dinâmica que prende o leitor ansioso e curioso pelo desenrolar dos fatos e pela solução final.

É muito interessante e criativo escrever para crianças com objetivo de fruir o gozo estético e ao mesmo tempo ensinar. É o aprender deleitando. É o aprender brincando. Sempre temos o sentido lúdico na vida humana, desde os primeiros anos até o jogo final da existência. Em que a última ficha do destino se confunde com a voz potente e amiga de "Vem, bendito do meu Pai para o reino que está preparado..."

Enquanto fluir a vida é o jogo de fazer de conta, até o jogo da verdade. Lição e fruição importantes que Marylene comunica da bela história de Rainha Carmela...

Ir. Elvo Clemente

ARAUJO FILHO, Luiz. Recordações Gaúchas. Porto Alegre, APLUB/CPL/PUCRS/IEL, 1987.

A APLUB, o Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS e o IEL conjugaram esforços, inteligência e arte para realizar a 3ª edição de *Recordações gaúchas*, de Luiz Araujo Filho (LAF). Livro precioso, esgotado há muito tempo, excelente instrumento para o estudo comparado dos contos com a obra de João Simões Lopes Neto.

A professora Maria Eunice Moreira do CPL trabalhou arduamente na fixação do texto. Regina Zilberman, coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras e Diretora do IEL fez o prefácio, cabendo a apresentação a Moacyr Scliar. A revisão esteve a cargo de Maria Rita Motta Guedes Quintella. Planejamento gráfico esteve com a equipe de editoração do IEL e a capa foi executada por Willy da Costa Filho, trabalho sobre a capa da segunda edição. As ilustrações e o financiamento da edição foram feitos pela APLUB.

Moacyr Scliar assim conclui a apresentação: "Para o vasto painel cultural que se constrói no Estado e no país, este livro representa uma contribuição significativa. Sua permanência é assegurada por uma qualidade básica e sumamente necessária nos dias de hoje: a autenticidade, tradução de uma fidelidade exemplar às nossas origens".

Regina Zilberman assim se refere a *Recordações gaúchas*: "Apesar de seus méritos literários e históricos, esta obra estava esgotada desde o início do século, quando foi publicada pela última vez. Apreciada com entusiasmo pelos críticos, procurada há tempo pelos pesquisadores e zelosamente guardada pelos colecionadores, vinha constituindo um texto raro, de alcance bastante difícil. Acreditamos, no entanto, que o valor

de uma criação artística não deve depender de sua inacessibilidade ou impraticabilidade de tê-la em mãos, divulgá-la, discutí-la, estudá-la. Pelo contrário, a qualidade cresce, na medida em que sua leitura se expande e populariza-se. Um livro não gasta ao ser lido por vários, senão que se consagra, quando circula entre um contingente numeroso de pessoas, demonstrando a estas sua importância e significado."

E conclui: "Obra que se afirmou como marco de nosso Regionalismo, *Recordações gaúchas*, reaparece agora para consistir em novo acontecimento: o que registra o enlace entre a iniciativa pública e privada, com o fito de dar a conhecer e divulgar, entre os setores amplos de nossa sociedade, o passado e o presente da literatura, por extensão, da cultura do Rio Grande do Sul. Saudemos simultaneamente o livro e o fato que o acompanha, ambos merecedores de congratulações".

Ir. Elvo Clemente

MACIEL JÚNIOR, José (Juca Maciel). *Reminiscências da minha terra*.

A Editora EST com o apoio da Prefeitura Municipal de Santo Antônio da Patrulha lançou o livro *Reminiscências da minha terra*, de Juca Maciel, fruto de beneditina observação e busca incansável de documentos.

Afirma Lothar Hessel na apresentação:

"Ao acervo patruhense, salvo de iminente destruição por José Maciel Júnior, somou ele o arquivo deixado por seu pai José Maciel, intendente municipal daquela comuna de 1894 a 1916, e o arquivo que ele próprio vinha formando de longa data.

Com tanta riqueza documental à sua mão é que nosso autor pode ir generosamente distribuindo conhecimentos históricos através de artigos e artiguetes vindos à estampa, não só no *CORREIO DO POVO* (1ª fase, Secção "Revivendo o Passado", de Arquimedes Fortini), como em vários periódicos municipais como *O Patruhense* (1952-1956), *Informação* (1957-1960), *O Comercial* (1973-1977) e o atual *Folha Patruhense*, todos de sua terra natal, e em periódicos de outras comunas.

Foi essa fartura documental que lhe permitiu abordar assuntos diversificados, desde a primitiva arte de curar até a instalação do Banco da Província em seu município (1919); da origem do sobrenome Sambaqui à instalação da Câmara Municipal (1811); da atuação do juiz Francisco Antônio Vieira Caldas na "Comarca do Rio dos Sinos" à criação da paróquia de Pitangueiras, já em nossos dias.

A amplitude vital desse labor de tantos decênios o leitor verificará nas páginas deste livro. E nem necessitará de grande perspicácia para constatar que o acervo reunido e conservado por José Maciel Júnior constitui permanente desafio aos historiadores no sentido de, com sua essência, elaborar uma rica história municipal, digna da centenária terra de Santo Antônio da Patrulha. Esse é o grande mérito do autor deste livro e certamente não o único, nem o maior."

Reminiscências da minha terra é um verdadeiro manancial de informações e de história sobre Santo Antônio da Patrulha. Juca Maciel assim descreve sua trajetória por este mundo:

"Sou natural deste Município, onde nasci em 11 de julho de 1904, sendo minha esposa Lúcia Maciel e meus pais já falecidos Cel. José Maciel, da Guarda Nacional e Lu-

cilia Carolina Fettermann Maciel, os quais foram educados no trabalho e freqüentaram na idade escolar colégios do curso primário.

Em 1917, conclui o curso primário no Grupo Escolar da Vila de São Francisco de Paula, tendo anteriormente estudado numa aula primária da Vila de Santo Antônio da Patrulha.

Em 1918, fui para Nova Trento, antigo distrito de Caxias do Sul, hoje sede do município de Flores da Cunha. Em Nova Trento fui para a companhia da minha irmã Jesuina, casada com o médico italiano Carlos Giacomo Conti, ocasião em que tive o ensejo de receber algumas noções das línguas inglesa e francesa.

Em 1919, fui trabalhar como caixeiro de um armazém no interior deste município e em 1920 transferi-me para Porto Alegre, onde empreguei-me no comércio e onde também estive até o ano de 1930, retornando para Santo Antônio, por haver sido nomeado titular do Cartório de Imóveis, no qual me encontro até a presente data.

Finalmente, todas as pesquisas histórias de minha autoria, foram publicadas na imprensa - "Correio do Povo" e o "Patruhense" e na Revista do Museu Júlio de Castilhos, onde constam extratos de atas e correspondências expedida e recebida.

Éis em resumo, as informações que tenho a satisfação imensa de fornecer a meu respeito, em relação à História, que desde há vários anos venho procurando fazer deste município, interligando-o com pessoas até de outros pagos que aqui tiveram seus ancestrais, focalizando seus acontecimentos, enfim, escrevendo tudo que julgo de importante, retratando os fatos com toda a veracidade que me é possível.

Ir. Elvo Clemente

LUFT, Lya. *Exílio*. 1987.

A Editora Guanabara publicou em 1987 o quinto romance de autoria de Lya Luft, que não foi bem recebido pela crítica.

As *Parceiras*, em 1980, marcaram época e levaram a autora à posição de escritora nacional, tendo reafirmado a sua posição com os outros romances.

Neste, entra numa fase discutida e discutível no âmbito da ficção. Por um lado Lya continua no seu mundo subterrâneo, de sótão e de salas fechadas onde reinam a doença e os miasmas putrefactos, símbolos de decadência e de morte.

Abre o livro uma epígrafe retirada de Nietzsche, Sábio Sileno, em *Nascimento da tragédia*: "Ah misera estirpe de um dia, filha do acaso e da aflição, por que me constranges a te dizer o que é preferível não ouvires? A melhor coisa, não a podes alcançar: é não ter nascido, não ser, ser nada. A segunda melhor coisa para ti disso é - morrer logo."

Exílio é uma narrativa em que o fluxo de consciência tem papel preponderante. O eu do monólogo que percorre todo o livro segue paralelamente à atuação estranha e misteriosa do Anão, possivelmente um alter ego, um contra-ponto da consciência da protagonista da história.

A narrativa não flui, arrasta-se entre problemas existenciais, problemas de angústia de alguém sempre exilada, sempre fora do verdadeiro habitat, sempre deslocada e sedenta de felicidade.

As personagens da autora não variam muito, se alternam desde as primeiras criações. Difícilmente se encontra um grupo feliz, com a alegria de viver, a alegria do amor e do estar aí vivendo uma vida digna do destino humano. Não sei por que a autora procura arquitetar suas construções com pedras tão díspares, disformes e incômodas. . .

Queria retratar a sociedade desmantelada em que se vive? A família atropelada por tantas insinuações e enganos da civilização reinante? Ou é o retrato da pessoa dividida, da pessoa derrotada, esfacelada que em vão está à procura dos pedaços para constituir a sua Unidade. É o exílio do mundo da Unidade, do mundo de sua inteireza em que o eu se encontra a si no encontro com DEUS. Fora disso é o grande e terrível exílio. É a busca da casa, como a personagem monologa no penúltimo parágrafo: "Talvez eu não consiga chegar em casa. Talvez, chegando, não possa ficar. Quem sabe?"

E a pergunta ecoa fundo nos corações e nas almas sem encontrar a resposta, pois na terra do Exílio não há uma língua que fale Amor, essência do ser, Deus.

Ir. Elvo Clemente